

## A ABERTURA ECONÔMICA NO BRASIL E SUAS IMPLICAÇÕES NA INDÚSTRIA EM CIDADES MÉDIAS DO OESTE PAULISTA

**Maria Terezinha Serafim Gomes**

Profa. Departamento de Geografia, da Universidade Estadual de Maringá  
[tserafim@usp.br](mailto:tserafim@usp.br)

### RESUMO

No Brasil, nos anos 1990, a abertura econômica provocou impactos na indústria, acarretando transformações no processo produtivo, na gestão e organização do trabalho, nas relações entre empresas, nas relações de trabalho, bem como na dinâmica espacial. Este texto tem como objetivo mostrar a repercussão da abertura econômica dos anos 1990 e suas implicações para o setor industrial em algumas cidades médias da região Oeste Paulista (Araçatuba, Birigui, Marília, Presidente Prudente e São José do Rio Preto).

**Palavras-chave:** abertura econômica; reestruturação produtiva; cidades médias; Oeste Paulista

## THE ECONOMIC OPENING IN BRAZIL AND ITS IMPLICATIONS IN THE INDUSTRY IN MIDDLE-SIZE CITIES OF WEST REGION OF SÃO PAULO STATE

### ABSTRACT

In Brazil in the 1990's, opening up economic impacts caused in the industry, causing changes in the productive process, management and organization of work, in relations between companies, labor relations, and the spatial dynamics. This text aims to show the effect of economic opening of the 1990s and its implications for the industry in some middle-size cities in the west region of São Paulo State (Araçatuba, Birigui, Marília, Presidente Prudente and São José do Rio Preto).

**Key-words:** economic opening, productive restructuring; middle-size cities; west region of São Paulo State

### INTRODUÇÃO

No Brasil, nos anos 1990, no Governo Fernando Collor a política de abertura econômica indiscriminada ao exterior, inspirada no neoliberalismo, afetou a base da indústria nacional, provocando a desintegração/desarticulação da cadeia produtiva, acarretando na “destruição” de parte significativa da estrutura e do emprego.

As mudanças resultantes da abertura econômica afetaram a indústria nacional. De um lado, houve falências, fusões, aquisições de empresas, privatizações contribuindo para redução dos postos de trabalhos e deterioração das relações de trabalho e, do outro lado, as empresas passaram a buscar por inovações tecnológicas mais efetivas, por novas formas de gestão da mão-de-obra e por estratégias de produtividade e qualidade para fazer frente à concorrência internacional.

Assim, diante da necessidade de torná-las mais competitivas e inserir no mundo globalizado, as empresas buscaram cada vez mais se reestruturar.

A partir dos anos 1990 a reestruturação produtiva se intensifica com a incorporação de tecnologias organizacionais, gerenciais e industriais, ocasionando alterações na gestão e organização do trabalho, nas relações entre empresas, bem como na dinâmica espacial. Assim, além de afetar as relações entre capital e trabalho, a reestruturação teve repercussão na localização industrial com o processo de desconcentração industrial e a formação de “novos espaços industriais”.

Esse processo de reestruturação produtiva intensifica nos anos 1990 por duas razões fundamentais: pela crise econômica no mercado interno e pela política de abertura econômica adotada pelo governo Fernando Collor.

Isto levou as empresas a buscarem inovações mais efetivas, estratégias de produtividade e qualidade no sentido de se modernizar para garantir sua participação num ambiente cada vez mais competitivo no mercado internacional. 1

Nessa direção, nos anos 1990, no Brasil, a redução das tarifas de importação “forçou” as empresas a buscar por melhorias na qualidade de seus produtos. As palavras de ordem nas empresas passam a ser busca de competitividade, produtividade e qualidade no sentido de atender aos ditames da globalização.

Essa busca por competitividade teve implicações no quadro de funcionários das empresas, ocasionando uma redução de cargos hierárquicos. De acordo com Pires (1994,p.13):

O imperativo da competitividade e qualidade também leva a uma maior redução de setores hierárquicos, com mais demissões nas gerências, seguida pela redução de escalões intermediários e atingindo por último os operários de chão de fábrica. Esse processo é precedido, no Brasil, por uma maior combinação dos setores hierárquicos com os operários de chão de fábrica, combinações estas que vêm sendo feitas de forma diferenciada entre empresas, obedecendo às adaptações locais conforme as prioridades de cada uma, articulada com as distintas formas organizacionais.

Assim, se por um lado, com a abertura econômica o imperativo de competitividade levou as empresas a buscar por modernização, terceirização, organização do trabalho, por outro lado, a abertura econômica atingiu o emprego industrial nos anos 1990 acarretando em impactos no mercado de trabalho. Nesse período, o desemprego cresceu, atingindo mais de 20% da PEA (população economicamente ativa), em algumas regiões metropolitanas, aumentou a informalidade e a precarização.

Desse modo, o processo de reestruturação produtiva teve impactos disruptivos no mundo do trabalho provocando flexibilização e desregulamentação do trabalho, redução do emprego industrial, redução do trabalho com carteira assinada, aumento do trabalho sem carteira assinada e do trabalho temporário, terceirizado, bem como, do desemprego.

Corroborando tais afirmações, Saboia (2001,p.85) ressalta que:

Nos últimos anos, a indústria brasileira passou por grandes transformações, que resultaram em forte queda do emprego. Preocupadas com o aumento da competição resultante da abertura da economia, as empresas industriais procuraram se modernizar, tanto pelo lado organizacional quanto tecnológico. Por outro lado, a guerra fiscal entre os diferentes estados, juntamente com as diferenças salariais existentes no País, provocaram um fluxo de investimentos em direção às mais distintas Regiões, que resultaram em importantes mudanças espaciais da indústria.

Nesse contexto, a título de exemplo, com a abertura econômica, a indústria de calçados foi obrigada a realizar um forte ajuste produtivo. Esse ajuste implicou em fechamento de empresas, na redução de postos de trabalho, na transferência de plantas (em virtude de benefícios fiscais oferecidos pelos estados nordestinos) e na incorporação de novos materiais ao processo produtivo de calçados (como materiais sintéticos). Além disso, buscaram introduzir melhorias de produtos e de processos, visando atingir o mercado externo.

A reestruturação produtiva se manifesta com mais intensidade em determinados lugares, facilitada pela “densidade técnica” (Santos, 1994), expressa pela informática, telecomunicações, entre outros, que facilitam a implementação de técnicas inovativas e a organização da produção.

Esse processo de reestruturação produtiva parece ser mais emblemático em centros industriais já consolidados e regiões metropolitanas, sobretudo em São Paulo, todavia começam ser observados alguns indícios em cidades médias. Essas cidades se tornam “espaços alternativos” no processo de reestruturação constituindo “novos espaços industriais”, já que essas cidades possuem infra-estrutura para receber as novas indústrias.

Este texto tem como objetivo mostrar a repercussão da abertura econômica dos anos 1990 e o processo de reestruturação produtiva e suas implicações para o setor industrial (principalmente, o ramo de calçados), em algumas cidades médias do Oeste Paulista, a saber: Marília, Presidente Prudente, São José do Rio Preto, Araçatuba e Birigui. As quatro primeiras cidades são sedes das 11ª,

10<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup> e 9<sup>a</sup> regiões administrativas do Estado de São Paulo, respectivamente. Elas exercem influências regionais, polarizando as cidades mais próximas e têm grande importância no Oeste do Estado. No caso de Birigui, é uma cidade, que forma juntamente com Araçatuba, uma aglomeração urbana não metropolitana, conforme classificação feita por NESUR/UNICAMP, IPEA e IBGE (2001).

### **A Abertura econômica dos anos 1990 e suas implicações para o setor industrial em cidades médias do Oeste Paulista**

As informações aqui expostas tratam-se da pesquisa realizada junta a 55 empresas industriais das cidades médias do Oeste Paulista, a saber: Araçatuba, Birigui, Marília, Presidente Prudente e São José do Rio Preto.

A partir dos anos 1990, a abertura econômica provocou efeitos deletérios na indústria brasileira, ocasionando também mudanças nas empresas industriais, da região Oeste Paulista. Essas empresas não conseguindo se manter no mercado foram “obrigadas” fechar seus estabelecimentos ou se reestruturar e se modernizar sua produção ou, ainda, foram adquiridas por empresas de grande porte ou grupos estrangeiros.

Deste modo, a abertura econômica dos anos 1990 foi decisiva para empresas do Oeste Paulista buscarem por modernização e sua reestruturação.

A entrada de produtos asiáticos no mercado brasileiro foi desastrosa para a indústria nacional. Assim, diante da concorrência dos preços baratos dos produtos importados, as empresas brasileiras foram “obrigadas” a se lançar no mercado buscando parcerias e produzir novos produtos. Noutros termos, as empresas foram pressionadas a estar em “sintonia” com as mudanças internacionais e com os ditames da globalização.

As empresas passam por reestruturação por duas razões:

1. refere-se à questão de sobrevivência;
2. a necessidade de ampliação de sua atuação no mercado, buscar qualidade de produtos frente à concorrência, desta forma, procuraram-se ajustar num ambiente de competitividade.

Porém, vale ressaltar que o processo da reestruturação produtiva não atinge todos os lugares, setores ou empresas com a mesma intensidade.

Na região Oeste Paulista, a abertura econômica com a entrada de importados nos países repercutiu no setor industrial, ocasionando o fechamento ou aquisição de muitas empresas como podemos observar a seguir. A pesquisa de campo realizada com 55 empresas industriais dos diferentes ramos apontaram que a abertura econômica foi a condição *sine qua non* para sua reestruturação.

Nesse cenário, em Marília, com abertura econômica ocorreram várias mudanças nas empresas industriais e muitas delas tiveram de fechar seus estabelecimentos ou se reestruturar e modernizar sua produção ou, ainda, foram adquiridas por empresas de grande porte ou por grupos estrangeiros. Por exemplo, citamos a Raineri Indústria de Massas Alimentícias, comprada pela Adria (norte-americana) em 1988, e mais tarde passa para grupo Quaker, fechando seu estabelecimento em 2002 em virtude da abertura econômica devido à concorrência da entrada de macarrão importado no mercado interno. A Kobes, empresa de capital japonês, produzia fio de seda, sendo desativada em 1998 por causa da concorrência dos tecidos de seda importados. A Macul produzia poliéster e foi desativada em 2000, tendo sofrido com a concorrência dos fios importados. A Prada produzia latas de óleo e foi desativada em 2000. A Adria foi desativada em 1993; a Iguatemy Operacional produtora de lentes foi desativada em 2000, em virtude de no final dos anos 1990 ser afetada pela importação de óculos e lentes; Metalurgia Metaljax fecha em 1998, devido à fragilidade financeira e capacidade de gestão de seus proprietários, conforme mostrou Mourão (2002).

A supervalorização do real em relação ao dólar contribuiu para o aumento das importações e dificultou as exportações. Isso levou à queda nas vendas e na produção e, conseqüentemente, afetou o mercado de trabalho. Os primeiros anos do Plano Real foram os piores para o setor calçadista.

A política de abertura econômica dos anos 1990, a partir do Governo Collor afetou o setor calçadista com a importação de calçados da Ásia, uma vez que esses produtos chegavam ao Brasil por preço inferior aos produzidos aqui. Neste sentido, esse setor foi duramente afetado pela concorrência

internacional.

Este cenário desencadeou na crise no setor calçadista provocando queda na produção e diminuição dos empregos. Por outro lado, levou as empresas a melhorar a produtividade e qualidade de seus produtos para concorrer com os importados.

Desse modo, no caso de Birigui, os empresários começam a buscar por soluções localmente para tornar os calçados de Birigui mais competitivos para retomar sua participação no mercado interno e também nas exportações.

Segundo Souza (2003, p. 10):

Essa abertura causou uma queda na produção diária de calçados da indústria de calçados de Birigüi, que em 1989, produzia 138 mil pares/dia e em 1990 produziu 120 mil pares/dia, uma queda de 15%.

A percepção de crise vivida pela indústria de calçados de Birigüi é reforçada pelos dados da RAIS/MTb para o ano de 1989 e 1990. No ano de 1989 os dados apontam para a existência de 12.238 empregos na indústria de calçados de Birigüi, já para o ano de 1990, o número de empregados é de 8.445, uma redução de 3.793 postos de trabalhos ou 31%.

Ainda, esse mesmo autor ressalta que:

A indústria de calçados que já vinha sentindo os reflexos negativos da primeira fase liberalizante iniciada no governo Collor teve sua situação agravada com o governo FHC. Em 94, quando começa o plano real, a indústria de calçados de Birigüi empregava 13.634 pessoas e no ano de 1995 esse número cai para 8.923, uma diminuição de 4.711 funcionários, ou seja, 34%<sup>15</sup> (p.11).

Diante dessa situação, as empresas de Birigui passaram a buscar soluções para a crise, criando estratégias e instituições que visavam à competitividade, procurando melhorar a qualidade seus produtos e inseri-los no mercado externo. Assim, a saída para crise foi a inserção no mercado externo a partir do final dos anos 1990, quando o Real sofreu a desvalorização, facilitando as exportações e dificultando as importações.

Os empresários passaram a investir na busca de qualidade de seus produtos e a produtividade de seus bens de fabricação. Investiram em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), em design, na aquisição de máquinas e equipamentos e no treinamento de recursos humanos, como foi observado nas empresas pesquisadas.

Assim, Rizzo (2004, p.12) assevera que:

A abertura da economia, depois de provocar queda da produção e do emprego, trouxe o impacto positivo de forçar o pólo calçadista a melhorar a qualidade e a produtividade, tornando, assim, os calçados de Birigüi mais competitivos, com soluções encontradas localmente, conseguindo retomar o crescimento e recuperar a capacidade de competição da indústria de calçados infantis, tanto no mercado interno como nas exportações que, no início da década de 90, eram irrelevantes.

Com a busca de competitividade e a melhoria da qualidade de seus produtos as indústrias de Birigui passaram a exportar para todo o mundo. Atualmente, há empresas exportando em torno de 20% de sua produção. Isto se deve aos fatores endógenos, com a cooperação entre empresas, as instituições locais, enfim ações conjuntas para reforçarem as capacidades competitivas dessas empresas.

Dessa forma, o papel das instituições locais no território foi importante para alavancar o crescimento do ramo de calçados. Como exemplo de formas de ações conjuntas, foram criados o Programa Empresarial Birigüense pela Qualidade Total, a empresa Pesquisa & Produto<sup>2</sup> e o consórcio de exportação. Acrescenta-se também a participação do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e do Sindicato da Indústria de Calçados de Birigui.

Para facilitar a inserção no mercado externo globalizado, em Birigui, as micro e pequenas empresas uniram-se e formaram um consórcio de exportação. Este consiste na união de várias empresas para dividir as despesas aduaneiras e os custos nas participações de feiras nacionais e internacionais e

<sup>2</sup> Empresa criada por um ex. empresário do ramo de calçados para atender os empresários do ramo, no sentido de saber sobre moda, consultoria etc.

viabiliza a entrada de pequenas empresas na inserção do comércio internacional.

Corroborando tais afirmações ao realizar um estudo sobre o crescimento das pequenas e médias empresas na região da Terceira Itália, Piore e Sabel (1988) afirmam que “[...] a interação entre os agentes locais, com base na cooperação e na concorrência, é que determina os rumos do crescimento local. A flexibilidade desta organização é garantida pela presença de uma rede de pequenas e médias empresas especializadas, dotadas de grande capacidade de inovação”.

Vale destacar também que em Presidente Prudente, Araçatuba e São José do Rio Preto a abertura econômica implicou em transformações no setor industrial, forçando as empresas a passar por um processo de reestruturação, conforme demonstraram os trabalhos de Dundes (1998) e Gomes (2001) sobre Presidente Prudente e de Matushima (1998) sobre São José do Rio Preto.

As mudanças na agricultura regional e as resultantes do processo de reestruturação produtiva em curso alteraram a participação dos ramos industriais a partir da metade dos anos 1980 na região Oeste Paulista. Os ramos mais atingidos foram o têxtil, madeireiro/mobiliário e de calçados no que se refere à perda de estabelecimentos industriais.

A indústria do Oeste Paulista tinha uma estrutura industrial voltada apenas para o mercado local, sobretudo com a abertura econômica na década de 1990, as empresas passaram por reestruturação (patrimonial, produção, trabalho e espaço) buscando a competitividade diante da concorrência. Hoje elas buscam novos mercados, atender novas demandas exigentes de qualidade. Estão inserindo políticas de recursos humanos, com qualificação, requalificação dos trabalhadores e novas formas de gestão do trabalho.

A abertura econômica e, conseqüentemente, o processo de reestruturação produtiva em curso nas empresas industriais provocou impactos disruptivos no mercado de trabalho local. Os dados da RAIS/MTE mostram que os primeiros anos da abertura econômica e do Plano Real foram desastrosos para o emprego na indústria, sendo visível uma queda do emprego em todas as cidades analisadas.

Como já salientamos anteriormente, a reestruturação nessas empresas deve-se à sobrevivência e a necessidade de ampliação de mercado, seja nacional ou internacional, buscando assim a qualidade de produtos, a produtividade e a competitividade.

A necessidade de inovação está sendo cada vez mais necessária para que a empresa possa permanecer no mercado ou ampliá-lo. Esta necessidade de inovação acaba sendo uma condição *sine qua non* de permanência no mercado a partir dos anos 1990. Para tornar mais competitivas as empresas buscam inovações seja de processo ou de produto, bem como outras formas de torná-las mais competitivas e inseri-las em vários mercados, seja interno ou externo..

O processo da reestruturação produtiva não atinge todos os lugares, setores, ou empresas com mesmas intensidades e ritmos. Nas cidades médias do Oeste Paulista, particularmente nas empresas industriais são visíveis algumas características decorrentes desse processo, conforme apresentamos a seguir, observadas nas 55 empresas industriais pesquisadas.

No que tange aos tipos de inovações implantados pelas empresas pesquisadas nas cidades médias do Oeste Paulista, verificou-se que 49 empresas, ou seja, 89,09% implantaram algum tipo de inovação. Essa participação é maior nas empresas de porte médio e grande. Do total de empresas entrevistadas, 27% tiveram inovação de produto; 27% declararam que tiveram inovação de produto de natureza incremental; 18% das empresas declararam que tiveram inovação de processo; 17% afirmaram que tiveram inovação de P&D; 5% das empresas implementaram inovação de produto de natureza significativa; 3% declararam que não teve nenhum tipo de inovação tecnológica e 3% não respondeu.

Além da implementação de inovações tecnológicas, seja de produto ou de processo, observaram-se nas empresas indústrias no que tange à organização e gestão da produção, alguns métodos e técnicas tais como: manutenção produtiva total; *Just in time*; Kanban; Kaizen; mudanças no *layout* das plantas (mini-fábricas, células de produção); programas de qualidade (gestão de qualidade total e auditoria de qualidade); utilização do CEP (Controle Estatístico de Processo); utilização de CLP (Controladores Lógico Programáveis); utilização dos sistemas CAD/CAM, CAD/CAE (CAD - Computer-Aided Design (Projeto Auxiliado por Computador/ CAM - Computer-Aided Manufacturing

(Fabricação Auxiliada por Computador) Computer-Aided Engineering (Engenharia Auxiliada por Computador) e analisadores digitais; implementação da certificação da série de normas de qualidade ISO 9000; controle integrado de processo; desverticalização da produção; implementação de práticas para redução de custos e produção flexível e sem estoques. Outro aspecto observado nesse contexto da reestruturação produtiva foi a divisão territorial da gestão da produção.

Lencioni (2002) chamou essa divisão territorial de cisão territorial entre a produção a gestão. Para a autora, “[...] é maior entre as médias e grandes portes, São Paulo (capital) e RMSP recebe 80% e 86,5% respectivamente das redes das empresas com cisão territorial”.

Assim, esse tipo de prática é notável, sobretudo em áreas próximas ao entorno da metrópole de São Paulo e começa também a ser observado no Interior mais distante.

A separação física entre a gestão administrativa (escritório) e a unidade de produtiva (chão de fábrica) é favorecida pelo desenvolvimento da informática e das telecomunicações e pela incorporação das fibras ópticas, que se estendem ao longo das principais rodovias.

Lencioni (1998, p. 36) já destacava que “[...] dos estabelecimentos fabris do Interior I, com cisão entre a produção e o gerenciamento, 1/4 se localiza em uma única cidade: São José do Rio Preto”.

Dessa forma, muitas empresas do Oeste Paulista possuem escritório em São Paulo, seja administrativo ou comercial, sobretudo aquelas empresas que possuem um mercado amplo. Mencionamos aqui algumas que fizeram parte da pesquisa empírica, dentre elas, Hospimetal (Araçatuba), Sasazaki (Marília), Icec, Americanflex (São José do Rio Preto). Esta última possui também uma filial no Nordeste (Paraíba).

O fato novo nessa separação da gestão e de produção é que essas empresas são de capital local, “nasceram” nessas cidades médias. Dessa forma, observa-se que as empresas do Interior copiam a lógica de reprodução das empresas localizadas na metrópole.

Além dessas empresas, podemos acrescentar outras que não estão contempladas na pesquisa<sup>3</sup>, mas que também possuem escritórios em São Paulo: no ramo de calçados, as empresas Ortopasso, Bical, Brink (escritório comercial em São Paulo), no ramo de alimentos, a Marilan possui filial no Nordeste; no ramo de produtos químicos farmacêuticos, a Rioquímica (escritório em SP), no ramo de metalurgia, Metaliguaçu (escritório em SP e matriz no Paraná) e no ramo de produtos agropecuários, a Dagránja (escritório em SP e matriz no Paraná).

Desse modo, as empresas industriais dessas cidades médias, mesmo estando distantes da metrópole, mantêm relação com ela, seja através da localização de escritórios de comercialização dos produtos e ou através da busca de cursos de treinamento e formação profissional, centros de pesquisas, como o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), da Universidade de São Paulo.

Quanto às novas formas de gestão e organização do trabalho observaram-se as seguintes práticas: polivalência, múltiplas tarefas; ênfase na co-responsabilidade de trabalhadores; introdução de trabalho em equipe; maior qualificação, maior escolaridade; aprendizagem no trabalho; maior treinamento; terceirização; gestão participativa; utilização dos Círculos de Controle de Qualidade e redução de cargos hierárquicos.

Outro aspecto observado nas empresas industriais foi a criação de parcerias com fornecedores; terceirização da produção, de componentes e outras atividades de apoio ligadas à produção, como manutenção, ferramentaria, projeto (projeto de engenharia, ensaios de produtos, análise de qualidade e P&D). Além disso, observou-se a terceirização de outras atividades não ligada à produção, como segurança, transporte, contabilidade, alimentação, treinamento de recursos humanos, comercialização, informática, assistência técnica.

Nesse quadro, no cenário atual da reestruturação produtiva, a empresa focaliza produção de produtos e tarefas de maior rentabilidade, maior competitividade e terceiriza as atividades consideradas secundárias. Isso leva a introdução de uma nova forma de segmentação de força de trabalho, dividido entre aqueles os trabalhadores que possuem os direitos trabalhistas e os que não possuem.

<sup>3</sup> Informações obtidas nos sites das empresas.

Com as transformações industriais resultantes do processo de reestruturação algumas empresas buscaram melhorar a qualidade de seus produtos e passaram a exportar para países do Mercosul, América Latina, Estados Unidos, Canadá, Europa, sobretudo Portugal, África, Ásia e Nova Zelândia.

Desse modo, as indústrias exportadoras são as que mais passaram a implementar estratégias de modernização mais sistêmica, aperfeiçoar e implantar novas tecnologias de gerenciamento e organização da produção com a expectativa de obter ganhos, eficiência e qualidade dos produtos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a abertura econômica dos anos 1990 no Brasil afetou a indústria brasileira. No Oeste Paulista, essa abertura acarretou em profundas mudanças no setor produtivo, muitas empresas foram à falência, outras foram adquiridas por empresas maiores e, ainda, aquelas que permaneceram foram “obrigadas” a se reestruturarem para garantir sua sobrevivência.

Sendo assim, como afirmamos anteriormente, a abertura econômica foi o leitmotiv para as empresas industriais do Oeste Paulista entrarem na reestruturação produtiva.

Vale destacar que, as características da reestruturação produtiva não foram observadas em todas as empresas. A incorporação de inovações tecnológicas, métodos e técnicas diferem segundo o porte da empresa, sendo maior nas grandes empresas, nas aquelas que exportam seus produtos e também nas empresas que foram instaladas recentemente. Algumas pequenas empresas, ainda resistem a essas mudanças e a incorporação ao mundo globalizado, apresentando características fordistas/tayloristas. Nesse aspecto, os ritmos de implementação de inovações das empresas não têm as mesmas temporalidades, segundo o porte.

Essas mudanças resultantes do processo de reestruturação produtiva observada no local, ainda que marcadas por especificidades, expressam uma relação entre o local e outras escalas geográficas mais amplas. Dessa forma, essas mudanças contêm elementos resultantes do processo de reestruturação produtiva num escala mundial e, também, num escala nacional e até mesmo local.

Em suma, é importante destacar que, apesar dessas mudanças que fazem parte da reestruturação produtiva, nas empresas há coexistência entre o “novo” e “velho”, ou seja, possuem características tayloristas/fordistas e flexíveis.

### REFERÊNCIAS

- ALVES, Giovani. **O Novo (e Precário) Mundo do Trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000, 365 p.
- ANTUNES, Ricardo. Anotações sobre o capitalismo recente e a reestruturação produtiva no Brasil. In: ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria A. Moraes (Org). **O avesso ao trabalho**. São Paulo: Expressão Popular. 2004, p.13-28.
- ARAÚJO, Maria de Fátima Infante. Reestruturação produtiva e transformações econômicas Região Metropolitana de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**. v.15, n.4,p.20-30, 2001.
- BENKO, Georges. **Economia, espaço, globalização na aurora do século XXI**. São Paulo: Hucitec, 1996, 266 p.
- CARLEIAL, Liana.; VALLE, R (Orgs). **Reestruturação Produtiva e o Mercado de Trabalho no Brasil**. São Paulo: Hucitec/ABET, 1997,507p.
- CASTRO, Nádia A. Modernização e trabalho no complexo automotivo brasileiro: reestruturação industrial ou japonização de ocasião? **Novos Estudos CEBRAP**. n. 37, 1993, p.17-49.
- CORSEUIL, C. H. e KUME, H. (coord) **A Abertura Comercial Brasileira nos anos 1990: Impactos sobre emprego e salário**. Rio de Janeiro:IPEA, Brasília:MTE, 2003.
- DUNDES, Ana Cláudia. **O processo de (des) industrialização e o discurso desenvolvimentista em Presidente Prudente-SP**. 1998. 182f Dissertação (Mestrado em Geografia) Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista / UNESP, Presidente Prudente, 1998.
- GIANOTTI, J. A . et al. Reestruturação Industrial e modernização tecnológica, impactos sobre o mundo do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: CEBRAQ, n.1, p.61-6, jun., 1994.
- GOMES, Maria Terezinha Serafim. **O processo de reestruturação produtiva em cidades médias**

**do Oeste Paulista: Araçatuba, Birigui, Marília, Presidente Prudente e São José do Rio Preto.** 2007. 330 f. Tese (doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. **A dinâmica do mercado de trabalho formal: uma análise do setor industrial em Presidente Prudente-SP.** 2001. 236 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista, 2001.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 1992, 349 p.

INSTITUTO DE PESQUISA E ECONOMIA APLICADA. **Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil: configurações atuais e tendências da rede urbana.** Brasília: IPEA/IBGE/NESUR, 2001, 396 p.

LACERDA, Antonio Corrêa de. **Impacto da globalização na economia Brasileira.** São Paulo: Contexto, 1998.155p

LEITE, Marcia. Paula. Reestruturação produtiva, novas tecnologias e novas formas de gestão da mão-de-obra. In: Oliveira, C A B e et al (Org) **O mundo do trabalho - crise e mudança no final do século.** Campinas: Scritta, 1994, p.563-587.

LIPIETZ, A .; LEBORGNE, D. O pós-fordismo e seu espaço. **Espaço e Debates.** São Paulo: NERU, n. 25, p. 12-29, 1988.

MATUSHIMA, Marcos Kazuo. **A formação de um eixo de desenvolvimento entre os municípios de São José do Rio Preto e Mirassol-SP.** 2001.183f.. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista, 2001, 183p.

MOURÃO, Paulo Fernando Cirino. **A industrialização do Oeste Paulista: o caso de Marília.** Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista, 1994.

MOURÃO, Paulo Fernando Cirino. **Reestruturação produtiva da indústria e desenvolvimento regional: a Região de Marília.** 2002.182 f. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 2002.

NEGRI, Barjas; PACHECO, Carlos A. Mudança tecnológica e desenvolvimento regional nos anos 90: a nova dimensão espacial da indústria paulista. **Espaço e Debates.** São Paulo: NERU, n. 38, p.62-83,1994.

SABOIA, J. Descentralização industrial no Brasil na década de noventa: um processo dinâmico diferenciado regionalmente. **Nova Economia,** Belo Horizonte, v.11, n.2, p.85-121,dez., 2001,

OLIVEIRA, Floriano José Godinho. **Reestruturação Produtiva e regionalização da economia no território fluminense.** 2003.219 f. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

PACHECO, Carlos Américo. Novos Padrões de Localização Industrial? Tendências Recentes dos Indicadores da Produção e do Investimento Industrial. **Textos para discussão.** n. 633. Brasília: IPEA, mar.1999.

PIRES, Elson L. S. Mercado de trabalho e reestruturação produtiva na indústria: o Brasil no limiar do século XXI. **Travessia.** São Paulo: CEM, n.18, ano VII, p. 10-14, 1994.

RIZZO, Marçal Rogério. **A indústria de calçados infantis de Birigui.** 2004. 169f Dissertação (mestrado em Economia Social e do Trabalho). Instituto de Economia. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

SALERNO, Mario Sérgio. Reestruturação Industrial e Novos Padrões de Produção. **São Paulo em Perspectiva.** São Paulo: SEADE, v.6,n.3, p.100-108, 1992.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1994.

SILVA, Agda Márcia. **Indústria e mudanças tecnológicas: considerações sobre a Décima Região Administrativa de Presidente Prudente/SP.** 2002. 287f.Dissertação (Mestrado em Geografia).

Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2002.

SOUZA, Marco Aurélio Barbosa. **Indústria calçadista de Birigui (1958-2001): um caso de aglomeração industrial.** Disponível em: [www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe\\_2003\\_42.pdf](http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_42.pdf). Acesso em: 13 fev. 2005.

TUNES, Regina Helena. **Da desconcentração à reconcentração industrial: a análise da relação entre a dinâmica do espaço e a dinâmica dos ramos industriais no município de São Paulo no final do século XX.** 2004. 177 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 2004.